

A RELAÇÃO OPRESSOR/OPRIMIDO NA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO SOBRE O ASSIMILACIONISMO NO CONTO “MENINA VITÓRIA” DE ARNALDO SANTOS

Gilberto Maciel Paiva Júnior¹

Lourenço Ocuni Cá²

RESUMO

O presente estudo versa sobre uma análise crítico-interpretativa da relação opressor/oprimido na literatura africana de língua portuguesa, tendo como base o conto “A menina Vitória”, de Arnaldo Santos. A finalidade é discutir como se dá essa analogia através da personagem que dá nome ao conto, Vitória, na posição de opressora, bem como um de ser personagens, o menino Gigi, que por sua vez ocupa o lugar de oprimido. Entendendo o processo de assimilação como elemento maculador da cultura e costumes tradicionais de um povo, buscar-se-á entender o que levou às personagens da obra, embora negras, mestiças, mulatas, dentre outras, a assumirem uma postura e hábitos do outro, típicos do colonizador como forma de preponderância no meio social. Para realizar este trabalho, lançaremos mão primeiramente de uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória com autores que abordam questões como colonialismo, racismo, assimilacionismo e opressão. Nesta ótica, o principal alicerce desta pesquisa será o conto “A Menina Vitória”, de Arnaldo Santos, ancorado em algumas das principais obras que embasam as teorias dos estudos culturais, literários e sociais. Para viabilizar esta pesquisa, que ocorre ainda dentro do escopo de uma especialização, limitaremos a análise de campo no cenário, será feita uma pesquisa bibliográfica em cima de artigos e teses acadêmicas já produzidas sobre o tema, ainda que sua abordagem seja distinta ou mais restrita que a deste projeto, como as produções de Josilene Campos, Maria do Carmo Sepúlveda, Lourenço Ocuni Cá e Thainá Aparecida Ramos de Oliveira.

Palavras-chave: A menina Vitória. Opressor. Oprimido.

ABSTRACT

This study deals with a critical-interpretative analysis of the oppressor/oppressed relationship in Portuguese-speaking African literature, based on the short story “A Menina Vitória”, by Arnaldo Santos. The purpose is to discuss how this analogy takes place through the character who gives the story its name, Vitória, in the position of oppressor, as well as one of being characters, the boy Gigi, who in turn occupies the place of the oppressed. Understanding the process of assimilation as a tainting element of the traditional culture and customs of a people, we will seek to understand what led the characters in the work, although black, mestizo, mulatto, among others, to assume a posture and habits of the other, typical of the colonizer as a form of preponderance in the social environment. To carry out this work, we will first make use of a bibliographic research of an exploratory nature with authors who address issues such as colonialism, racism, assimilationism and oppression. In this perspective, the main foundation of this research will be the short story “A Menina Vitória”, by Arnaldo Santos, anchored in some of the main works that support the theories of cultural, literary and social studies. To make this research feasible, which still takes place within the scope of a specialization, we will limit the field analysis in the scenario, a bibliographical research will be carried out on articles and academic theses already produced on the

¹ Graduado em Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Pedagogia pelas Universidade Internacional - UNINTER.

² Graduado em Letras pela Universidade estadual de Campinas. Graduado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Administração e Supervisão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Políticas de Educação e sistemas educativos pela Universidade Estadual de Campinas.

subject, even if its approach is different or more restricted than that of this project, such as the productions of Josilene Campos, Maria do Carmo Sepúlveda, Lourenço Ocuni Cá and Thainá Aparecida Ramos de Oliveira.

Keywords: Victory Girl. Oppressor. Overwhelmed.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura, como arte mimética, é capaz de reproduzir a realidade em todos os aspectos. Desde muito tempo ela é mais do que uma ferramenta de entretenimento, é também objeto de pesquisa e análise da sociedade. Para isso, voltamos para os últimos anos da década de 70 do século XX na sociedade angolana, quando o preconceito, a opressão através da distinção racial entre pretos e brancos era usado como critério de distinção social. Como um retrato dessa sociedade, Arnaldo Santos apresenta-nos o conto “A Menina Vitória”, traz sob uma ótica bastante verídica como aconteciam as relações entre pessoas brancas e negras no continente africano.

Esta pesquisa pretende explorar através do conto “A Menina Vitória”, de Arnaldo Santos, pertencente à Literatura Africana de Língua Portuguesa, como acontece o processo de assimilação entre os personagens que estão na narrativa. Portanto, buscar-se-á compreender como objetivo central o quanto esse processo de assimilação faz com que determinados personagens ocupem lugares de oprimido e de opressor. Entendendo o processo de assimilação como elemento maculador da cultura e costumes tradicionais de um povo, buscar-se-á entender o que levou às personagens da obra, embora negras, mestiças, mulatas, dentre outras, a assumirem uma postura e hábitos do outro, típicos do colonizador como forma de preponderância no meio social em que habitam.

Secundariamente, buscar-se-á identificar traços de auto-preconceito presente nas personagens do conto, através da descrição de hábitos separatistas baseados no critério racial/cultural. Também será necessário perceber o contexto de preconceito em que o conto foi produzido, observando o assimilacionismo de costumes do colonizado presente em alguns personagens negros. Por fim, também será preciso reconhecer que há relações baseadas na opressão racial, em que o

negro tem que assimilar hábitos europeus para não ser oprimido, chegando a ocupar a posição de opressor.

Com relação à pesquisa bibliográfica, foram utilizados como aporte teórico principal os autores que se limitam à análise de campo no cenário, por meio de uma análise bibliográfica em cima de artigos e teses acadêmicas já produzidas sobre o tema, ainda que suas abordagens tenham sido distintas ou mais restritas que a deste projeto, como as produções de Josilene Campos (2008), Maria do Carmo Sepúlveda (2002), Lourenço Ocuni Cá (2011), Thainá Aparecida Ramos de Oliveira (2015), dentre outros.

O presente estudo disponibiliza ao leitor a ampliação de sua criticidade perante as obras literárias africanas de língua portuguesa, sobretudo o conto “A menina Vitória”, entendendo a produção artística como capaz de causar reflexão e aguçar nos leitores a visão dos problemas sociais existentes, como é o caso da exploração do racismo, baseado na relação de opressão entre a relação entre a contraditória professora “Vitória” e o menino “Gigi”.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O ASSIMILACIONISMO NO CONTO “A MENINA VITÓRIA”, DE ARNALDO SANTOS

É sabido por todos que durante o período de ocupação colonial europeia nos países africanos foi marcado por uma forma repressão aos hábitos, costumes e vivências que tal povo tinha outrora. A esse “movimento”, ou forma de agir, podemos compreender como um processo de assimilação, levando em consideração que os hábitos dos europeus que ocupavam os territórios deveriam ser replicados pela população local, incluindo atitudes, aparência, formas de cultuar a religião, dentre outros.

De modo que a ocupação avançava, esse processo de assimilação seguia na mesma proporção, ancorado no que podemos também compreender como aculturação, conforme Laranjeira entende como o resultado do contato contínuo e direto de indivíduos de culturas diferentes. Dessa forma, ao fixarem-se nos territórios

africanos, os europeus impuseram muito mais do que a sua própria língua, mas também uma série de costumes que faziam diretamente com que a população local começasse a seguir tais padrões. Dessa forma, não havia um diálogo intercultural, mas sim uma imposição cultural, social e linguística por parte do colonizador. (LARANJEIRA, 1985, p. 95)

Segundo Laranjeira (1985, p. 98), trata-se de “uma imitação das formas mistificadas da civilização do colonizador”. Dessa forma, ao tratar essas formas como mistificadas, acaba-se dando a elas um maior destaque, em detrimento dos aspectos locais. Isso é justamente o que acontece com a personagem homônima ao nome do conto. A menina Vitória, mesmo sendo uma pessoa negra, entende-se como branca. Ela assimilou os hábitos do colonizador, sua forma de agir, sua língua e até tenta assimilar a sua própria aparência, quando no conto é mencionado que “renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre”. O próprio nome que a personagem traz, “Vitória” é uma representação do que, para aquela menina negra, significa se sobressair num ambiente de valorização de costumes brancos e europeus. Além disso, também é a responsável por incutir em seus alunos o processo de assimilação, adaptação, fazendo com que se esvaziem de suas culturas para que sejam preenchidos da “dela”.

De acordo com Cá (2011, p. 08):

Os africanos por toda parte podiam ser nativos, mas a assimilação podia emancipá-los. Assimilação era o meio pelo qual o incivilizado, isto é, o nativo podia juntar-se às fileiras dos oficialmente classificados como civilizados. Os critérios para chegar à civilização eram os seguintes: falar português; ter rendimento suficiente para sustentar o candidato e sua família; ter bom caráter e posse daquelas qualidades necessárias para o exercício dos direitos privados e públicos do cidadão português; cumprir o serviço militar; e ter, pelo menos, dezoito anos de idade. Qualquer africano que satisfizesse a esses requisitos podia usufruir dos direitos severamente reservados aos portugueses.

A menina Vitória, obediente aos critérios mencionados, uma vez entendida como assimilada, gozava agora de um distanciamento social e cultural daqueles que não reproduziam os hábitos e costumes do colonizador. Afasta-se, assim, do entendimento de ausente de cultura que os nativos traziam consigo. O processo de assimilação lhe forneceu tanto prestígio que pôde desempenhar o seu magistério. Ainda segundo Cá (2011, p. 09), “de modo geral, para o africano ser considerado civilizado, precisava rejeitar totalmente a sua herança cultural e aceitar a cultura

lusíada”. Claramente nota-se isso no comportamento da jovem professora, não fazendo nenhum tipo de referência as suas origens, tentando encobrir ao máximo seus traços nativos, entendendo-se como uma branca europeia.

2.2 O PROCESSO DE OPRESSÃO PELA COR NOS PERSONAGENS DO CONTO “A MENINA VITÓRIA”.

Através da leitura do conto, é possível perceber que na sociedade angolana e africana de forma geral, o negro é visto como inferior, ausente de cultura e de organização social. De forma oposta, o europeu branco, por sua vez, é mostrado como colonizador, responsável por trazer cultura, organização, avanços, língua, dentre outros aspectos. No conto em análise percebemos claramente a presença da opressão pela cor nas figuras de Dona Angelina, Matoso e Gigi a presença dessa exclusão opressora causada pela cor. Dona Angelina como uma mulher, mãe de família, mulata, provavelmente experiente no que se refere a opressão social, no sentido de possivelmente já ter vivenciado situações de exclusão outrora, busca para o filho uma mudança de escola. Tal mudança não tem somente o interesse educacional, mas tem como objetivo maior de distanciá-lo do cotidiano que lhe fora original, buscando-o inserir nos padrões elencados pela assimilação. Estudando numa escola de padrões brancos, seria como um verdadeiro apagamento cultural, bem como uma forma de aceitação social para o menino.

Gigi, juntamente ao colega de classe Matoso são os oprimidos, são a fiel representação da opressão social que os negros sofriam na sociedade angolana e africana. O próprio nome do colega de Higino já demonstra uma espécie de depreciação, pois matoso significa aquele que é oriundo do mato, portanto, quase como um animal ausente de civilidade e cultura. É possível inferir que tudo aquilo a que Gigi estava sendo submetido no ambiente da sala de aula fora também Matoso submetido antes dele. Isolamento, humilhação, diminuição e preconceito marcam a presença dos dois alunos num ambiente que deveria ser de aprendizagem.

A Menina Vitória, a professora da turma, por sua vez, representa a figura do opressor, algo que é de se admirar para o contexto da época, pois ela é uma negra, assim como Matoso e Gigi. Tal fato só acontece porque Vitória assimilou os hábitos

do colonizador, sua forma de agir, sua língua e até tenta assimilar a sua própria aparência. Neste sentido encontramos o maior paradoxo do conto, que é uma pessoa negra tratando com indiferença pessoas que lhes são iguais.

De acordo com Maria do Carmo Sepúlveda Campos (2015, p. 01):

No contexto histórico da colonização, portanto, o homem africano, que vê rejeitada sua herança tradicional e luta para manter sua identidade, encontra como oponente não apenas o colonizador, mas, de forma paradoxal, o seu semelhante que, buscando ascender socialmente, torna-se imagem do dominador e contribui para fazer vigorar os seus estatutos. Esse cenário caracterizado pelo mascaramento cultural, pela busca de poder e pela negação dos valores autóctones é o território da menina Vitória, personagem que, ao lado de muitos outros, representa, na ficção angolana, o fascínio que o mundo do colonizador exerceu sobre o assimilado.

Seu papel no conto é fundamental por trazer à tona o assimilacionismo como condição de evolução e status social, tendo que tornar-se uma opressora para que se sobressaia no meio em que habita. A pedagogia com a qual Vitória educa seus educandos é do silêncio, da opressão, da ausência de manifestação e do apagamento cultural. A única forma como a “professora” vê para que possa ascender socialmente é entendendo-se como branca, inclusive nos hábitos marcados pelo preconceito, negando a sua própria caminhada sociocultural, baseada na idealização europeia. Ainda conforme Maria do Carmo Sepúlveda (2015, p. 02), “a personagem Vitória configura o carácter autoritário, discriminatório e extremamente repressor da educação formal introduzida pelos portugueses em Angola”.

Nesse sentido torna-se possível compreender o quão danoso é o processo de assimilação para a sociedade de forma geral, causando divisões, criando a falsa ideia de superioridade racial baseada na opressão, na anulação dos padrões históricos e nativos de um povo.

2.3 A ASSIMILAÇÃO COMO REQUISITO PARA ACEITAÇÃO SOCIAL

Considerando todo o enredo do conto em estudo, pode-se notar que a assimilação, seja por quem for, dos costumes e estereótipos das culturas e da vivência europeia é o requisito essencial para viver em sociedade de forma “normal”, se é que podemos usar o referido termo. O fato de a mãe de Gigi trocá-lo de escola, vai muito

além de pensar apenas no bem-estar do filho. Como toda mãe e como uma mulher que, certamente, deva ter provado do preconceito, Dona Angelina tenta mudar um pouco da história do filho, fazendo com que ele não seja mais um a provar das desventuras do racismo, do preconceito e da exclusão social. A assimilação aqui pode ser compreendida até como uma autodiscriminação, conforme Oliveira (2015, p. 12), quando diz que “Ao negar a forma de falar do menino os pais assumem uma postura discriminatória em relação a sua língua e, conseqüentemente, sua cultura”.

No entanto, conforme a leitura, nota-se que para Gigi, esse processo em que ele está inserido é doloroso, pois é perceptível notar a ausência de adaptação. O fato dele observar constantemente o ambiente, as atitudes da professora perante aos alunos, sobretudo perante Matoso, fazem com que ele se autoquestione, com que pense e repense os motivos de estar vivenciando aquilo.

Deve-se ressaltar que Gigi, como criança, possui um elevado grau de criticidade em seu olhar. Pouco fala, mas o que observa é capaz de dar-lhe inúmeras respostas para os seus mais íntimos questionamentos. O que os pais de Gigi buscavam, na verdade, é uma aceitação social. Aceitação esta baseada na replicação dos costumes, língua, aparência, modo de agir, dentre vários outros oriundos do colonizador. Para isso, obrigavam-se a assimilar tais atos. O menino buscava absorver ao máximo tudo que lhes era repassado pela menina Vitória, tudo com o objetivo de não ser ridicularizado.

O mesmo acontece com a “Menina Vitória”. Observa-se que ao usar o termo menina, e não o termo professora acontece um afastamento social da profissão e da pessoa que a exerce, justamente pelo fato de ser negra. É provável que ao entender-se como mulher branca, agir como tal, vestir-se como tal, maquiar-se, dentre outras formas de agir, o que Vitória queria era, na verdade, ser aceita no meio social em que vive. Se for feita uma inferência e imaginar como seria sua vida, tanto pessoal, quanto profissional, caso não assimilasse os costumes, provavelmente ela não estaria nem na sala de aula.

As atitudes de Vitória, revelam uma sede de sobrevivência. Na sala de aula, suas atitudes discriminatórias demonstram isso.

Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. “Pareces o Matoso a falar...”, “suja a bata como o Matoso...”, “Cheiras a Matoso...”- e ele guardava-se cada vez

mais a carteira, transido por aqueles comentários impiedosos (SANTOS, 1981, pág. 33).

Ao agir de tal forma, seu objetivo é mostrar o que para o “sistema” era tido como ruim, ou seja, tudo que fosse ligado ao aspecto cultural local. A radicalidade de seus atos demonstra que a todo custo ela desejava inserir-se no meio social da elite colonial branca como uma forma de se sobressair, de tirar de si o lugar de opressão que lhe esperara caso não agisse de maneira diferenciada. Deve-se destacar, ainda, o seu papel como professora. Ela, mais do que ninguém, era tão importante para o futuro da colônia e dos colonizados, pois embora negra, ao agir como mulher opressora branca, ela estava sendo responsável por incutir, por deixar gravado na vida daqueles alunos o modelo do qual ela já fazia parte, apenas replicando-o. O grande paradoxo que o conto traz como lição é o fato de uma mulher negra ajudar a inferiorizar a própria cultura como forma de aceitação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, de forma contundente, buscou-se fazer uma análise detalhada da questão do assimilacionismo como gerador de opressão social, tendo como base o preconceito racial, por meio da obra “A Menina Vitória”, de Arnaldo Santos. Buscou-se compreender de forma central o quanto esse processo de assimilação faz com que determinados personagens ocupem lugares de oprimido e de opressor, como é o caso de Gigi e a própria professora “Menina Vitória” que nomeia o conto, respectivamente. Tal processo de opressão, causado pela assimilação dos costumes europeus acaba por macular a cultura e os costumes tradicionais de um povo. Para alguns personagens do conto, a única forma de ter preponderância social era assumir a postura do colonizador, bem como seus hábitos e culturas.

Foi possível notar, também, o quanto ocorre na narrativa a presença de traços de auto-preconceito nas atitudes e modos de agir dos personagens, como em dona Angelina, mas sobretudo na figura central de Vitória. Isso é perceptível através de hábitos separatistas, utilizando os critérios racial e cultural. Toda a narrativa, portanto, está envolta numa atmosfera de preconceito, de marginalização causada pela presença dos colonizadores, bem como a sua imposição cultural, linguística, social, dentre outras tantas.

Concluiu-se, portanto, que para que pudessem ter o mínimo de respeito e participação social, os negros eram levados a assimilarem os hábitos europeus. Tudo isso para que pudessem afastar-se um pouco da opressão racial, submetendo-se a tudo, inclusive a oprimir a própria pessoas da mesma cor, do mesmo local e da mesma esfera social, buscando a aceitação social.

A narrativa mostra-se com um forte teor de engajamento e de denúncia social que envolvem os negros, fazendo com que a sociedade, não só da época de produção do conto, mas até contemporaneamente, possam verificar e reavaliar comportamentos. A reflexão, portanto, é um dos maiores objetivos a que se quer chegar com esta produção, levando a analisar determinadas condutas e entendê-las em seu contexto.

REFERÊNCIAS

CÁ, Loureço Ocuni. **Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 207–224, 2010. DOI: 10.20396/etd.v13i1.1174. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1174>>. Acesso em: 4 dez. 2021.

CAMPOS, Josilene Silva. **A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf>. Acesso em: 04 de dezembro de 2021.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **Pedagogia do Silenciamento: Da Violência do Opressor à Resistência do Oprimido**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, s/d. Disponível em: <<https://bit.ly/3nzk3EH>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2021.

LARANJEIRA, Pires. **Literatura Calibanesca**. De Letra em Riste. Porto: Afrontamento, 1985.

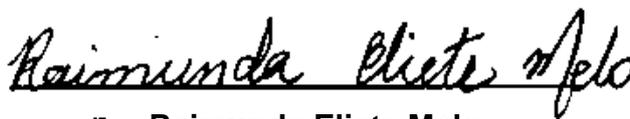
OLIVEIRA, Thainá Aparecida Ramos. **A imagem do negro nos contos Menina Vitória e Mãos dos Pretos**. *Revista Athena*, 8(1). Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/1199>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2021.

SANTOS, Arnaldo. **A menina Vitória**. In: Kinaxixe e outras prosas. São Paulo: Ática, 1981.

DECLARAÇÃO

Para constituir prova junto à Coordenação do Curso de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, DECLARO que procedi ao trabalho de revisão gramatical e estilística, on-line e com regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A relação opressor/oprimido na Literatura Africana de Língua Portuguesa: um estudo sobre o assimilacionismo no conto “Menina Vitória”, de Arnaldo Santos”, da autoria de Gilberto Maciel Paiva Júnior, orientado pelo Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá, nos termos do Acordo Lusófono vigente desde 01.01.2009, pelo que assino este Documento, a fim de que surta os efeitos legais.

Groáiras, 04 de dezembro de 2021.



Raimunda Eliete Melo

Professora de Língua Portuguesa